



E DISSE-LHE A FLOR: HOJE EU NÃO QUERO SER ROMÂNTICA, QUERO SER POLÍTICA

*Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção*

*Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*

*Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão
[...]*

(Geraldo Vandré, 1979)

O texto da canção *Para não dizer que não falei das flores*, composta pelo artista paraibano Geraldo Vandré, no ano de 1979, nos faz refletir sobre a importância de estarmos em movimento, nos articulando e atuando como sujeitos críticos em uma sociedade que oprime e menospreza em nome do poder.

Cabe destacar que, embora a canção tenha sido composta há 43 anos, motivada pelo contexto sócio histórico da época, pode-se dizer que ela atravessou o tempo e o espaço, se configurando em um texto ideologicamente constituído, considerando que seus enunciados refletem e refratam (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) contextos atuais, pois ainda que haja um lapso temporal, a sociedade brasileira viveu nos últimos anos constantes atentados contra a democracia, a liberdade de expressão, a saúde e a educação do povo brasileiro, quando governos ditatoriais e excludentes atuaram com necropolíticas (MBEMBE, 2020) que desvalorizavam a vida, incitando o ódio e chancelando discursos racistas, homofóbicos, sexistas, xenofóbicos e, também, o preconceito religioso, classismo, capacitismo, entre outros.

Ao considerar o que postula Volóchinov (2017[1929], p. 113), que “o signo é um território em disputa” e que os sentidos são resultados de seus embates, compreendemos que o “signo transforma-se no palco de lutas” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Nesse prisma interpretativo, a canção em tela, nos coloca em uma arena de lutas ideológicas e se torna um hino de resistência contra a opressão de movimentos sociais e culturais, haja vista atuar como um importante dispositivo para o rompimento de fronteiras espaço-temporal e ideológicas que mobilizam sujeitos historicamente situados a estabelecerem diálogos, considerando que estes sujeitos estão envolvidos nas mesmas instâncias axiológicas, resultados de descasos e violências vividas outrora e na contemporaneidade.

Validando essa assertiva, Volóchinov (2017) destaca que a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico e acrescenta que os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico, seja de um quadro, de uma música, de um rito ou de um ato, não podem ser realizados sem a participação do discurso interior (VOLÓCHINOV, 2017[1929]) e não necessariamente por um auditório imediato (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), mas atravessa a história e os cronotopos (BAKHTIN, 2018 [1934]), motivo que nos garante conceber o gênero canção como produto ideológico e cultural, que pode auxiliar no combate a discursos hegemônicos que chancelam relações assimétricas no âmbito social, reforçando as relações de poder.

Ao atravessar o cronotopo, a canção *Para não dizer que não falei das flores* se consolida como um elemento de comunicação discursiva, com um discurso verbal que permite um diálogo produtivo por meio dos seus enunciados, mesmo que os interlocutores sejam/estejam em tempos diferentes na história, sendo possível debater, replicar, comunicar, promovendo um diálogo vivo a partir da própria canção.

Logo na primeira estrofe, o compositor faz utopicamente alusão à igualdade entre os povos quando afirma que “*somos todos iguais, braços dados ou não*”, sinalizando que ao estarmos inseridos no mesmo contexto sócio-espacio-temporal, especificamente no Brasil, lutamos por algo em comum, exposto no artigo 6º da Constituição Federal de 1988, que é o direito de ser brasileiro e ter acesso às benesses de forma igualitária à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados (BRASIL, 1998). Contudo, o que se presenciou ao longo dos últimos quatro anos foi uma grande inversão de valores contradizendo o termo “igualdade”, separando familiares e amigos que estavam políticos e ideologicamente construídos de forma desigual ou contraditória, rompendo com a perspectiva de humanidade e unidade quando práticas discursivas, sobretudo de autoridades que governavam o país, valorizavam o desprezo pelo próximo e incentivaram de maneira direta e indireta lutas de classes, o radicalismo político, a intolerância e as diversas práticas de exclusão.

Enquanto revista interdisciplinar, acreditamos na necessidade de compreender as sociedades brasileiras como plurais e diversas que precisam ser respeitadas, um respeito que se configura um ponto nevrálgico no âmbito acadêmico, um ambiente que valoriza prática da leitura e da reflexão, que combate a

visão essencialista, reducionista e estereotipada de povos e sujeitos, não cabendo qualquer tipo de classificação e controle como tentativa de subvalorização do outro.

Assim sendo, nas edições da Revista Geadel presamos por uma escrita que compreendam espaços e sujeitos que neles atuam como plurais, heterogêneos e atravessados por múltiplas culturas e identidades, que devem ser respeitados de forma equidosa e sem preterimentos que promovam discriminação, marginalização e distanciamento entre o bem mais precioso que é o povo, seja ele preto, branco, pardo ou indígena, e por que não mencionar os imigrantes que constantemente adentram os territórios brasileiros e, paulatinamente, passam a fazer parte do celeiro pluricultural que se forma no contato e na diferença (HALL, 2005).

Nesse sentido, temos como objetivos propor e divulgar diálogos entre autores e pesquisadores de abordagens diversas, destacando o caráter interdisciplinar da revista que opera como forma de resistência por meio da palavra, das narrativas descritas nos textos por ela publicados.

É com essa perspectiva que abrimos a edição da Revista Geadel com o artigo **ESTUDO CONTRASTIVO DA ORDEM SINTÁTICA EM TRÊS LÍNGUAS TIPOLOGICAMENTE DISTINTAS: PORTUGUÊS, LIBRAS E JAMINAWA**, de Shelton Lima de Souza, Maria Aparecida Linhares de Sousa, Facia Alves Paiva de Almeida, que movimenta nossos diálogos apresentando uma análise contrastiva da ordem sintática de três línguas: Libras, português e Jaminawa (Pano), o qual busca identificar suas diferenças e semelhanças tipológicas. Ao longo do trabalho, foram apresentados discussões e resultados acerca da ordem das línguas português, Libras e Jaminawa, em que se identificou que a Libras e o português, embora tenham a mesma ordem canônica de constituição dos períodos sintáticos (SVO), apresentam motivações linguísticas distintas no tocante a construções topicalizadas. Por conseguinte, o Jaminawa se diferencia do português e da Libras por ter a ordem canônica (SOV) e uma formação de seus constituintes sintáticos mais fixa.

O segundo artigo de autoria dos colaboradores Francisco Javier Sanz Trigueros, Natalia Barranco Izquierdo, Raquel Yuste Primo e Sergio del Vaz González, que tem por título **ACTUALIZACIÓN CURRICULAR DEL ÁREA DE LENGUA EXTRANJERA EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA ESPAÑOLA. IMPLICACIONES DOCENTES**, se dedica a fazer uma atualização curricular sobre a recente e em vigor Lei Orgânica pela qual se rege o conjunto de ensino do sistema de educação e de formação espanhol. No texto, os autores focaram a atenção no currículo que regula o ensino de Línguas Estrangeiras na Educação Fundamental. A exposição das novas diretrizes e mudanças mais significativas nos leva a apresentar sua regulação desde dois pólos: a estrutura e a organização curricular e o institucional e o didático-disciplinar. No texto, os/as autores/as recolheram algumas implicações programáticas, didáticas e metodológicas da nova normativa para os docentes especialistas e, dessa forma, concluíram discorrendo sobre os pontos positivos da reforma curricular para o ensino de línguas estrangeiras e sobre os focos de atenção que se situam nos docentes e nos agentes de formação inicial e contínua.

Dando continuidade, o terceiro artigo escrito por Saide Feitosa da Silva e Valtenir Soares de Abreu, intitulado **ENTRE CANTOS E DESENCANTOS: A URBE DA VIRTUDE E DO VÍCIO AOS OLHOS DA PROSTITUTA MAGGIE, UMA GAROTA DAS RUAS**, ancorados no que preconiza a Linguística Aplicada, faz um estudo de narrativas intermediando diálogo com vários campos epistemológicos, como a história, a literatura, a antropologia, a sociologia, dentre tantos outros campos do saber, construindo terreno com inúmeras possibilidades de conhecer, desconstruir e construir realidades, posicionando o ser humano e suas experiências em contextos que irão, ao longo do tempo, formando suas culturas e suas identidades. Nesse sentido, por meio da obra “Maggie – A girl of streets”, os autores analisam os vários cenários contidos no que se convencionou chamar de modernidade, um processo dúbio – para dizer pouco – que privilegia uns poucos e condena muitos a uma vida de sofrimentos, desigualdades e violências.

O quarto capítulo que tem por título **DISCURSOS SOBRE O CORPO E A MENTE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA HOLÍSTICAS E SEUS IMPACTOS NA VIDA HUMANA**, escrito por Juliana da Fonseca Rodrigues, Rafael Marques Garcia, Wilder Kleber Fernandes de Santana e Fábio José Augusto da Silva, delimitou como objetivo realizar uma investigação discursiva sobre os impactos do exercício físico nas dimensões humanas e os benefícios que ele causa ao ser humano. Durante a escrita, inicialmente, os autores realizaram um trajeto histórico explicitando, desde uma prática segregadora a uma proposta de Educação Física holística. Em seguida, discutiram sobre as multidimensões humanas e sua importância para a integralidade do ser humano. E, na terceira seção, analisaram os impactos dos exercícios físicos nas dimensões humanas, cujas conclusões apontam que quando os exercícios físicos priorizam um trabalho que interaja com as dimensões humanas, a partir de preceitos holísticos, contempla-se o ser biopsicossocioespiritualmente, agregando benefícios à vida humana em sociedade.

José Cabral Mendes e Jucileide de Souza da Silva apresentam o texto denominado **FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA ESPANHOLA**, quinto artigo desta edição, que teve como objetivo apresentar um relato de experiência no ensino de língua espanhola como parte do estágio supervisionado IV, realizado em uma escola de Rio Branco-Acre. O estudo evidencia que a aplicabilidade da teoria e da prática, por meio do estágio supervisionado, permite ao discente do prático refletir sobre as futuras atuações como docente de línguas, além de avaliar e questionar como poderia se aplicar novas abordagens combatendo obstáculos que interferem de maneira significativa no sucesso e no fracasso do aluno ao aprender a língua espanhola e, ainda, perceber o quanto o trabalho docente tem uma grande importância na vida dos estudantes, quando o profissional entende a sua relevância social ao formar sujeitos para atuar, de forma política, crítica e participativa, na comunidade onde vive.

E, para finalizar a edição, o sexto artigo intitulado **LINGUAGEM MUSICAL: O USO DE APLICATIVOS PARA O ENSINO DE VIOLÃO NA ORQUESTRA DE CÂMARA DE VIOLÕES DO IFAC**, dos autores Douglas Marques Luiz e Gabriele dos Santos Barbosa, discorre sobre potencialidades, perigos e construções possíveis por meio do uso do aplicativo *WhatsApp* no ensino do violão erudito. Configura-se um estudo realizado a partir das atividades realizadas no projeto Orquestra de Câmara de Violões do IFAC, entre os anos 2017 a 2019, oportunidade em que foram realizadas por meio de aulas presenciais e *online* fazendo uso dos recursos disponíveis por softwares e por aplicativos. Como resultado, os autores destacam a realização de 38 apresentações entre os anos de 2017 a 2019 feitas pelos alunos participantes do projeto, um repertório expressivo que contou com peças do repertório violonístico erudito e popular.

Assim, a partir da apresentação dos artigos que compõem esta edição da Revista Geadel e, ao tomarmos por empréstimos os versos de Sodré, na canção *Para não dizer que não falei das flores*, que nos inspira a lutar, convocamos a capacidade da canção enquanto signo ideológico que reflete e refrata a luta de classes (VOLÓCHINOV, 2018 [1929] e que atua como um gênero discursivo importante para ressaltar nossas angústias e revoltas pelo que vivemos e sofremos enquanto profissionais da área da educação que (sobre)viveu, apesar dos inúmeros ataques ideológicos e sucateamento capitaneados por um governo autoritário.

De modo igual, por meio da canção/da arte da escrita, reforçamos nosso lugar de lutas e falas quando nos alinhamos com os versos da estrofe que anuncia *“Pelos campos há fome em grandes plantações / Pelas ruas marchando indecisos cordões / Ainda fazem da flor seu mais forte refrão / E acreditam nas flores vencendo o canhão”*, versos expressivos não só porque denunciam o retorno de um dos países que mais produz alimentos e que retornou ao mapa da fome, que fazem alusão à polarização e à divisão que se instaurou em grupos de amigos e familiares quando sujeitos (des)informados defendiam discursos sem o real conhecimento dos fatos. E, ainda, anuncia posicionamentos de pessoas resistentes que acreditavam em outras perspectivas e que a educação poderia mudar, a exemplo de professores, pesquisadores universitários que se juntaram a outros sujeitos que também se posicionaram criticamente em seus textos publicados em livros, revistas e jornais.

Ainda tomando como referência os versos anteriormente apresentados e conscientes dos sentidos expressos na letra da canção, nos definimos como educadores que corroboram o pensamento freireano que acredita em um porvir e defende um esperar, quando projetamos nossos anseios futuros por meio do enunciado *“Nas escolas, nas ruas / Campos, construções/ Caminhando e cantando / E seguindo a canção”*, pois iremos lutar por melhores condições de trabalhos para os educadores e estudantes que por tempos foram esquecidos e por que não dizer apagados das políticas econômicas. Pois, ao saquear o orçamento da educação, o atual governo inviabilizou o funcionamento de diversas universidades, expondo os estudantes às situações

de vulnerabilidade social e, inclusive, à desistência de seus cursos por não conseguirem se manter sem as bolsas, causando assim prejuízos à educação, traduzidos nos futuros baixos índices educacionais e, conseqüentemente, econômicos para o país. Porém, com a esperança de dias melhores, seguimos na melodia da canção junto aos que *“acreditam nas flores vencendo o canhão”*.

É com esta postura de educadores e pesquisadores críticos que igualmente ao compositor da canção fazemos o convite *“Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer”*, e este convite é feito a toda à comunidade acadêmica, à comunidade externa e aos interessados nos temas apresentados nos artigos desta edição, para nos juntarmos a essa rede de movimentos que atuam por meio da palavra, do discurso oral, escrito e sinalizado, e resiste por meio de sua escrita, provendo relações dialógicas e reforçando a importância de todos se manifestarem pois o Brasil, e uma parte expressiva de seu povo, não quis mais esperar, foi às urnas e fez valer o seu desejo de mudança.

Se como resultados da flor temos o cheiro, o fruto e o sabor, sejamos flores, das mais subversivas, que resistem ao clima ruim e ao solo árido. Sejamos mais leitores e escritores, pois é com leitura e conhecimentos que derrubamos “mitos”, e com a potência de nossas palavras, lutemos por dias melhores para o povo brasileiro, que tem fome de conhecimento. É com estas palavras que convidamos a todos a ampliar esta rede de flores insurgentes e políticas e a compartilhar das leituras dos textos presentes nesta edição da Revista Geadel.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica - biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. 8ª ed. São Paulo: Editora N-1 edições. 2020. [2003]
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].
- VOLOCHÍNOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Equipe Editorial

Aquesia Maciel Goes (GEADEL/UFAC)¹

Luciano Mendes Saraiva (GEADEL/UFAC)²

Maristela Alves de Souza Diniz (GEADEL/UFAC)³

Paula Tatiana da Silva-Antunes (GEADEL/UFAC)⁴

Shelton Lima de Souza (GEADEL/UFAC)⁵

¹ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3271-2171>; aquesia.goes@ufac.br

² Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7437-6340>; luciano.saraiva@ufac.gov.br

³ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; malvesdiniz1@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-8153>; paula.antunes@ufac.br

⁵ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; shelton.linguista@gmail.com